



DO ORIENTALISMO A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM, MULHERES DO MUNDO ÁRABE

JULIANA MARIA MARTINS¹

RESUMO

Este trabalho aborda o Orientalismo e a sua contribuição para a construção da imagem utópica das mulheres do mundo árabe, que sempre foram consideradas à margem da sociedade pelo Ocidente desde o período colonial na África até os dias de hoje. O tema resolve vários aspectos que levam o imaginário Europeu a trabalhar na decadência cultural do mundo árabe, interpretações literárias, discursos imperialistas de vertente política até trabalhos acadêmicos de vertentes orientalistas que contribuem para uma das maiores “calúnia” contra a imagem cultural do Oriente.

Para trabalhar a “verdadeira” imagem das mulheres do mundo árabe, vou resgatar alguns costumes que destacam seus aspectos mais fortes e que são desconhecidos por muitos nos dias de hoje.

Palavras-chave: Orientalismo. Literatura. Feminismo. Gênero. Estereótipos.

¹Graduada em História. Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo. Pós-Graduando em Arqueologia, História e Sociedade. (UNISA)-Universidade de Santo Amaro-SP. E-mail: julianamartins00007@hotmail.com.

ABSTRACT

This work discusses Orientalism and its contribution to the construction of the utopian image of women in the Arab world, which have always been considered on the margins of society by the West since the colonial period in Africa to the present day. The theme addresses various aspects that lead the European imagination to work in cultural decay of the Arab world, literary interpretations, imperialist discourse of political aspect to scholarly works of orientalist aspects that contribute to one of the largest "slander" against the cultural image of the East.

To work the "real" image of women in the Arab world, will rescue some customs that highlight your strongest aspects and which are unknown for many these days.

Keywords: Orientalism. Literature. Female. Gender. Stereotypes.

1. Introdução

Antes do advento do Islã, as mulheres do Oriente viviam de maneira totalmente diferente, eram hábitos contrários ao que conhecemos hoje. A cultura árabe foi criando formas e moldes diferenciados ao longo dos anos conforme os mandamentos islâmicos ou o contato com a "modernidade". Ao longo da história, o mundo árabe sempre exerceu um "certo" fascínio sobre muitos viajantes e pesquisadores, a sua cultura e modo de vida atraem pelo exotismo que passa por ser diferente. Para falar sobre a imagem da mulher no mundo Árabe temos que ter certa cautela.

Geralmente, as pessoas não conseguem diferenciar ou associar a imagem da mulher como uma pessoa comum, vários estereótipos ainda está presente confundindo a compreensão do que seria a real mulher do mundo árabe. Como a imagem do outro

pode ser manipulada tanto tempo? E por que hoje, muitos não conseguem separar o mito da realidade quando falamos dessas mulheres? Insisto em dizer, que este assunto é muito abordado no mundo acadêmico, porém muitos não sustentam com clareza a verdadeira realidade, pois para compreender o fato, temos que analisar o que realmente causou este efeito contrário e argumentos fora da realidade.

Não é de hoje que a imagem do outro é construída através de uma má interpretação ou por interesses próprios como ocorreu no período colonial Europeu na África. O tema do Orientalismo vem trazendo a intolerância do Ocidente em relação ao Oriente em termos culturais causando uma deformação proposital na e identidade do “outro”. Esta passagem da história se trata de um período importante e funcionará como uma chave para desvendarmos os mistérios por traz de tudo isso.

A visão do Orientalismo encontra-se muito forte e é alimentada através de vários meios de comunicação criando uma imagem utópica e generalizada do mundo árabe. É muito frustrante pensar que pessoas que se dizem “intelectuais” compactuem com os pensamentos de vertentes Orientalistas. Com isso, deixo como reflexão, será que realmente conhecemos a cultura Árabe? E as mulheres, elas são representadas como realmente são?

2. Características do Orientalismo relacionadas ao mundo árabe

Durante o período de colonização Européia na África, os colonizadores desenvolveram fortes características de imperialismo e intolerância cultural contra o Oriente, para que pudessem demonstrar a sua “superioridade” cultural naquele momento. Foi a partir daí que o Ocidente começou a construir a imagem do Oriente e de início, temos três momentos fortes na reflexão dos estudiosos, pois de primeiro, Orientalismo tinha características de estudos acadêmicos, a língua do Oriente serviu de estudos para muitos no período do século XIX.

Também temos o segundo momento, o mais conhecido como dicotomia² entre Ocidente e Oriente discussões do que seria avançada ou atrasada, uma forma de diferenciar o outro através das suas “qualidades” ou superioridade cultural. Em

² Discursos alternativos, ou podemos dizer, formas de oposições entre Ocidente/Oriente que define o avançado e o atrasado.

terceiro, temos as são as afirmações definitivas do Ocidente sobre os estudos do Oriente, o controle político sobre a região a partir do século XIX, construiu barreiras inquestionáveis sobre os argumentos contrários relacionados à cultura árabe.

Infelizmente hoje, as diversas pesquisas que encontramos não conseguem sustentar a realidade, por incrível que pareça muitos pesquisadores acabam seguindo linhas de pesquisas com vertentes orientalistas causando uma visão generalizada e muita das vezes traz aspectos mitológicos do mundo árabe. Principalmente, quando se trata dos estudos sobre as mulheres árabes. No entanto, sempre temos linhas de pensamentos a que vem resgatarem os fatores desses problemas. O autor Edward Said é o mais conhecido quando se fala nos assuntos do orientalismo³, tema que veio para explicar o imperialismo cultural do Ocidente sobre o Oriente e os aspectos limitados de pesquisas que trabalhavam a inferioridade cultural. Said é pioneiro neste assunto, inclusive, em seu livro *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, retrata a imagem que o Ocidente criou em relação ao Oriente principalmente durante o período da colonização Européia na África.

Á partir daí eu resolvi trabalhar os caminhos do orientalismo, abordando fatos históricos que comprovam a construção degradante do Oriente ao decorrer dos anos. As primeiras interpretações sobre a sociedade árabe com maior propaganda orientalistas mais próximas do nosso tempo foram deixadas por escritores, pesquisadores e viajantes Ocidentais durante o período colonial na África.

A necessidade de desmoralizar a identidade do Oriente sempre esteve presente e isso ficou claro quando começaram as propagandas intelectuais sobre “inferioridade”. Muitos políticos Europeus da época já demonstravam participara desta linha de pensamento, o discurso mais conhecido foi o do político Arthur James Balfour à Câmara dos Comuns, no ano de 1910⁴.

A condição de superioridade é sempre citada a favor da comunidade Européia, neste caso, ele fala sobre os Egípcios. Said descreve (SAID, 2007: pg. 63) “Em nenhum momento Balfour nega a superioridade britânica e a inferioridade egípcia ele aceita com naturalidade quando descreve as conseqüências do conhecimento”. Aqui, se

³ Termo utilizado para definir a imagem que o Ocidente criou sobre o Oriente durante e após a colonização. EDWARD W.Said. *Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente*. Edição. Companhia de Bolso, 1978.

⁴ Câmara dos comuns do Reino Unido foi criada para servir como a representação política.

nota as idéias de dominação intelectual criadas pelos próprios colonizadores e muitos ainda achavam que estariam fazendo um grande favor por estar colonizando aquela região e levando os verdadeiros conhecimentos “civilizados”. O estilo de vida cultural e religiosos do Oriente sempre foram focos de questionamentos por não serem considerado como modelo de vida adequado.

Infelizmente, o Orientalismo tem uma característica acumulativa que se tornou forte o suficiente para dominar o universo dos livros, filmes e das notícias do nosso cotidiano. Segundo SAID, (SAID, 2007: pg.275). “o Orientalismo tem sido uma espécie de consenso: certas coisas, certos tipos de afirmação, certos tipos de obra parecem corretos ao orientalista”.

A pressão sobre os escritores incontestáveis da época acabou fortalecendo esta linha de pensamento, pelo simples fato de imaginar que realmente o Oriente era inferior culturalmente. Said, logo após a publicação do *Orientalism*, começou a perceber que o problema não se resumia apenas na construção do outro em relação ao “desconhecido”. O livro *Cultura e imperialismo*⁵, nós trás idéias importantes sobre o imaginário europeu. Na percepção do Said, o que mais impressiona mesmo são os textos lidos por ele (SAID, 2011: Pg.9) “O que há de marcantes nesses discursos são as figuras retóricas [...] “O Oriente misterioso”, os estereótipos sobre “o espírito africano”“. É difícil nos dias de hoje, pensar que estes textos literários mitológicos conseguiram ser referência para criar uma identidade real do “outro”.

Estas afirmações só comprovam que o orientalismo foi construído através do imaginário utópico para que o Ocidente se mantivesse como superior em todos os sentidos. Estas atitudes eram totalmente viáveis para o colonizador, pois eles já estavam marcando presença em quase todo o continente. Segundo Hernandez, Leila em seu livro, *A África Na Sala De Aula* (HERNANDEZ, 2008: pg.17) “o saber ocidental constrói uma nova consciência planetária por visões de mundo, auto-imagem e estereótipo que compõe um “olhar imperial” sobre o universo”

O conceito de hegemonia predominava isso vem explicar o olhar imperial que a Leila fala, pois isso é uma estratégia usada pelo grupo dominante que sempre está enfatizando a sua superioridade sobre a cultura oposta no sentido de influenciar com a

⁵O livro do Said, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paul. Companhia das letras, 2011. É o complemento do livro *Orientalism*.

ideologia de um único grupo dominante para que facilmente sejam aceitos na sociedade “inferior”. Paulo Farah em seu livro O Islã (FARAH, 2001, pg.65) “A Exposição Colonial de 1931, realizada em Paris, ofereceu uma dimensão do olhar folclórico e racista que tornava incompreensíveis as revoltas contra os “benefícios” da colonização”. Estas são questões expostas por FARAH que expõe as idéias do grupo dominante sobre o dominado.

Todos os países que passaram pelo processo de descolonização não perderam o vínculo com os colonizadores mantendo a idéia do Imperialismo e Orientalismo bem forte ainda nos dias de hoje.

A idéia de analisar os fatos históricos nos dá uma breve introdução sobre a forte presença que o Orientalismo ainda tem na sociedade, principalmente quando se trata dos estudos sobre a mulher do mundo árabe. Várias informações polêmicas aparecem fazendo o mau uso da imagem delas para que crie novas ilusões contrárias à realidade.

Às vezes em que estive no Cairo, consegui criar laços de amizade com uma família árabe. Aos poucos fui desmistificando os meus próprios pensamentos e isso foi essencial para que eu conseguisse sustentar as minhas idéias e questionamentos sobre a proposta desta pesquisa.

Seria bem mais fácil generalizar toda a situação, no entanto isso não funciona desta forma. As pessoas não têm culpa de como as informações chegam até elas, cabe a nós conhecedores do assunto, difundir o conhecimento adequadamente.

A abordagem deste tema é muito importante não só para discutirmos a reconstrução de outra linha de pensamento, mais sim para tentar mudar a visão generalizada do senso comum. Tudo o que nós conhecemos hoje em relação aos estudos do Oriente, possuem aglomerados de afirmações contrárias.

O que mais me preocupa é saber que muitas dessas linhas de pensamento são bases para estudiosos que ainda se perdem no tempo, ao se apoiarem em argumentos orientalistas e isso acaba se passando por verdade absoluta aos olhos de quem não conhece a realidade dos fatos.

Tudo o que já foi analisado, formam “trilhas” que levam a compreensão da imagem que as pessoas têm sobre a mulher do mundo árabe. O entendimento da formação inicial desta construção do “outro” é a chave para o entendimento proposto que seria construir uma breve imagem do que seria a verdadeira mulher do mundo

árabe. Mais quem seria essa verdadeira mulher do mundo árabe? Por mais que a literatura árabe tenha trabalhado a figura da mulher, isso não significa que elas estejam presentes na vida real, este é o grande erro de interpretação cultural e que vai se tornar freqüente, pois a mulher esta muito presente em textos de autores literários Árabe.

Estas mulheres são representadas de várias formas, muitas delas estão presentes na literatura árabe, a fonte de prazer, promessa de fidelidade e submissão, expostas nestes documentos. A autora Nawal argumente sobre a literatura (NAWAL, 2002: pg.194) “Esta é a imagem jocosa, reticente e integrante tirada dos palácios de As Mil e Uma noites e das escravas do Califa, Haroun El Rashid”. Estes argumentos explicam uma realidade que infelizmente ainda está bem permanente.

Porém, podemos resgatar a imagem da verdadeira mulher em várias ocasiões importantes na sua história. A autora Egípcia Nawal El Saadawi foi uma inspiração para esta linha de pensamento, pois ela trabalha a imagem da mulher em várias etapas da história enfatizando as mudanças de hábitos ocorridas mais que ainda presentes em grande parte da história.

Ela ressalta a falha dos pesquisadores ao tratar a literatura árabe como única fonte e verídica da cultura árabe. Por isso, questões importantes que deveríamos difundir mais, passaram por despercebido dando espaço para os mitos que até hoje persistem.

Podemos tomar como exemplo a literatura árabe mais conhecida, o livro, As Mil e Uma Noites, literatura foi usada como fonte de pesquisa para tentar definir uma imagem real árabe. As conseqüências ocorreram e muitas divergências de informações foram surgindo, comentários de Nawal sobre a limitação em que o Ocidente se submeteu em relação às fontes de pesquisa. Segundo Nawal (NAWAL, 2002: pg. 193) “Muitos estudiosos, escritores e pesquisadores que têm feito comparação entre o Ocidente e o mundo Árabe só tiveram exemplos de um período de nossa história que agora já tem mais de mil anos”.

A autora certamente fala sobre a falta de informação e fonte de pesquisa, pois geralmente os pesquisadores se prendiam a literatura para definir a imagem da mulher. Algumas passagens historiográficas podem definir a mulher do mundo árabe sem se restringir a apenas um período. A autora Nawal comenta vários trechos em elas foram muito importantes na sociedade árabe, antes, durante e depois do Islã, a mulher que vamos resgatar não tem vínculo algum com a imagem de “submissão”.

As mulheres viviam de maneira inacreditável para quem está acostumado a ver a mídia sustentando. Nawal fala um pouco sobre os costumes das mulheres antes em tempos anteriores a religião islâmica:

[...] Antes do Islã, costumava até acontecer que uma mulher praticasse a poligamia e desposasse mais de um homem. [...] “o casamento compartilhado”. A mulher não era permitido ter mais de dez maridos e se ela passasse desse limite era qualificado como prostituta [...] (Nawal, pg. 186).

Para muitos estas informações poderiam ser chocantes se considerarmos o fato de que só os homens possuem estes direitos no mundo árabe. No entanto quase não se pratica mais por que as condições financeiras não são favoráveis nestes países.

As mulheres também tinham o direito de escolher os pais dos seus filhos, nada de casamentos “forçados” e a questão do divórcio também era algo que se praticava com frequência entre as mulheres da época. Nawal:

[...] quando uma beduína se divorciava de seu marido, ela mudava a porta de sua tenda para o lado oposto, de maneira que se fossem leste se tornava oeste e se fosse sul se tornava norte. Uma vez feita esta mudança o divórcio era imediato [...] (Nawal, pg. 186).

As mulheres deste período também passavam por acontecimentos intrigantes, durante o seu ciclo menstrual, o homem ficava longe das mulheres, o mais curioso é que quando o ciclo já tinha passado, se o casal optasse por ter um filho com as qualidades das outras pessoas, geralmente o homem solicitava à mulher que procurasse um nome. A autora Nawal explica os motivos (NAWAL, 2002: pg. 186) “Normalmente o homem escolhido era uma das figuras importantes da cidade, sendo o objetivo ter um filho que pudesse herdar as altas qualidades”.

Nos tempos pré- islâmicos, casamentos praticados por “certos” grupos chamam a atenção por terem uma vida sexual bem “aberta” e menos estigmatizado do que é hoje. Nawal:

[...] Na era Pré-islâmica, os árabes praticavam também outras formas originais de casamento. Uma delas era chamada de [...] “casamento de prazer” que tinha como finalidade nada mais do que proporcionar uma oportunidade

legalizada para ambos os parceiros gozarem juntos dos prazeres do sexo.
[...] (Nawal, 2002, pg. 188).

Não é tão comum ter estudos voltados para a sexualidade no mundo árabe, estas informações nós traz muitas possibilidades de compreender melhor as mudanças em vários momentos. Relatos nos contam que os costumes citados eram praticados durante o período pré-islâmico. Nawal: (NAWAL, 2002: pg.188) “mesmo na primeira fase do islã, continuaram a exercer seu direito de escolher seus maridos e esta escolha não era acontecimento raro”. Um dos casos mais famoso segundo Nawal:

[...] Uma famosa história ligada a este assunto é a de Leila Bint El Khatim que foi a Maomé, o Profeta dos Muçulmanos, e lhe disse: “Eu sou Leila Bint El Khatim. Vim para me mostrar ao senhor. Case-se comigo”. E Maomé disse: “Eu por isto, caso-me com você”. [...] (Nawal, 2002, pg. 188).

Estas práticas foram se perdendo com o passar do tempo, a religião islâmica se tornou mais forte e aos poucos foi moldando os hábitos dos seus seguidores. O foco do pós Orientalismo hoje está bem interligado a religiosidade do Oriente, geralmente, as mulheres são retratadas através da sua religião.

É complicado discutir o islamismo e a mulher, sem ter uma base real de interpretações, pois hoje os tempos são outros e as pessoas vivem em outra realidade, sem falar da política interna de cada país árabe. Quase tudo que ocorre de ruim com elas automaticamente para muitos é culpa do da religião islâmica. Várias interpretações incorretas sobre o livro sagrado deixaram ainda mais em evidência a situação da mulher. Farah comenta:

[...] Supostos especialistas, que nunca estiveram nas sociedades que analisam nem jamais abriram o Alcorão, contribuem para uma interpretação quase sempre enviesada dos vários mundos mulçumanos. Quem foi a dois ou três países dessa órbita compreende que eles são bastante diversos. [...] (Farah, 2001, pg.10)⁶.

⁶ FARAH, Paulo. O Islã. São Paulo: Publifolha, 2001.

Quase tudo que ocorre de ruim com as mulheres do Oriente e automaticamente culpa do Islã. As verdadeiras mulheres do mundo árabe não se resumem em um único período, elas possuem características extraordinárias, porém cada tempo conta um estilo de vida diferenciado. Não se pode caracterizar a cultura do Oriente em através de argumentos etnocêntricos, literaturas ou curtos períodos da sua história.

Por isso, veio a proposta de analisar o impacto do Orientalismo e a verdadeira mulher do mundo árabe em vários períodos históricos para que pudéssemos ter uma breve noção da diversidade característica dessas mulheres ao longo da história.

Considerações finais

Os Estudos sobre a construção do Orientalismo demonstram forte influência na construção do imaginário utópico relacionado à mulher do mundo árabe. Conforme estudamos essas mulheres, percebemos que a imagem “verdadeira” dessas mulheres não se resume em um único tem, elas possuem aspectos de vida e costumes diferentes em cada fase da história e que na realidade não coincide com as interpretações dadas às mesmas na atualidade.

A proposta de construir uma nova imagem através das características históricas dessas mulheres trará uma nova visão, uma percepção menos mitológica e mais realista, que ao mesmo tempo venha a enriquecer e valoriza a cultura e a imagem da mulher no Oriente.

Bibliografia

- CHALLITA, Mansour. Alcorão, o - Livro Sagrado do Islã.
EDWARD W.Said. Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente. São Paulo. Edição. Companhia das letras, 2007.
EDWARD W.Said. Cultura e Imperialismo. São Paulo. Edição. Companhia das Letras, 2011.



FARAH, Paulo. O Islã. São Paulo: Publifolha, 2001.

HERNANDEZ. L.L. A África na sala de aula. Visita à história contemporânea. Selo Negro. São Paulo, 2005.

EL SAADAWI, Nawal. A Face Oculta de Eva: As Mulheres do Mundo Árabe Edição. Global Editora, 2002.

STEARNS, P. N. História das relações de gênero. Trad. De Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

Trabalhos acadêmicos, dissertação ou teses disponíveis na Internet

A MULHER NO ISLÃ. Direitos Humanos, violência e gênero. Disponível em: < <http://www.naya.org.ar/religion/XJornadas/pdf/7/7-Espinola.PDF>>. Acesso em 05 de fevereiro 2013.

CAMPOS, Francirosy. Publicado na internet. Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-*performers* da religião. Acesso em: < <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v13n2/v13n2a09.pdf>>. Acesso em: 19 de fevereiro 2013.

DUGO. Sandra. Publicado na Internet. Revista Espaço Acadêmico em- número 107- Abril de 2010. Pós-orientalismo aos cuidados de Miguel Mellino. Acesso em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9426/5488>>. Acesso em 20 de fevereiro 2013.

ESPÍNOLA, Claudia. Doutora em Antropologia Social na UFSC. Publicado na internet:

ESPERANÇA, Rocha. Publicado na Internet: Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007. O Egito sob a ótica dos viajantes. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ivan%20Esperan%20Rocha.pdf>. Acesso em 05 de fevereiro 2013.

HELDER Alexandre Medeiros de Macedo. Professor da faculdade do seridó FAZ. Publicado na Internet: Oriente Ocidente e Ocidentalização. Revista da Faculdade do seridó, v.1, n.o, jan./jun.2006. Disponível em:



<http://www.faculdadedoserido.com.br/revista/v1_n0/helder_alexandre_medeiros_de_macedo.pdf>. Acesso em: 15 de julho. 2012.

NAMUR, Mirian. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/SOCIOLOGIA/2009/5artigoSINCRETISMOCULTURAL.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro 2013.

OMRAN Muna. Publicado na Revista Litteris – DOSSIÊ ESTUDOS ÁRABES & ISLÂMICOS Número 5, Julho de 2010. O FEMININO NA POESIA DE EXPRESSÃO ÁRABE CONTEMPORÂNEA. Acesso em: http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/OFEMININO_MUNA.pdf >. Acesso em 18 de fevereiro 2013.

MARTINS, J. M. AS MULHERES DA PRAÇA TAHRIR DESCONSTRUINDO O OLHAR OCIDENTALIZADO. Trabalho de conclusão de curso. Curso de história na Estácio Radial de Santo Amaro São Paulo 2012. 45 f.: il.